

ATO ANTIRACISMO PELA AUTONOMIA UNIVERSITARIA

10/11
SEGUNDA-FEIRA
17H30

LUTA UNIFICADA DA COMUNIDADE UNIVERSITÁRIA
DA PUC-SP POR:

- Revogação imediata do Ato 03/2023 da Fundasp, Fim da racialização dos contratos docentes e equiparação salarial já!
- Autonomia universitária: chega de ingerências da Fundasp nas dimensões didático-científica e acadêmica da PUC-SP!
- Transparência das informações e dados da PUC-SP em posse da Fundasp!
- Desenvolvimento de uma cultura universitária efetivamente antirracista e diversa!

LOCAL
PRAINHA
CAMPUS MONTE ALEGRE



Na Catedral da Sé o Ato homenageando a memória de Vladimir Herzog

ATOS RELEMBRAM 50 ANOS DO ASSASSINATO

DE VLADIMIR HERZOG

Os 50 anos do assassinato do professor e jornalista Vladimir Herzog pelos órgãos de repressão da ditadura militar, instaurada no Brasil em 1964, foram relembrados no último fim de semana, com atos e eventos na cidade de São Paulo.

No sábado, 25/10, um ato ecumônico na Catedral da Sé, com autoridades e militantes de esquerda, emocionou a todos pela lembrança de uma época de luta da sociedade civil contra a repressão institucionalizada.

Na segunda-feira, 27/10, a PUC-SP abrigou a entrega do prêmio Vladimir Herzog, que contemplou os melhores trabalhos jornalísticos de 2024 na área dos Direitos Humanos.

nos. A entrega foi precedida da tradicional Roda de Conversa, realizada no Tucarena, no período da tarde.

Dessa maneira, a PUC-SP mostra, mais uma vez, o seu protagonismo na luta pela democracia e direitos humanos, que sempre foi sua marca registrada. Em um tempo em que a extrema direita coloca em xeque todas as conquistas democráticas das últimas décadas, a universidade mais uma vez ergue sua voz contra o arbítrio e a violência de Estado (a cobertura dos eventos está na página 2 desta edição). Veja ainda nesta edição a movimentada semana que movimentou a universidade com palestras, debates e semanas acadêmicas.

Há 50 anos assassinato de Vlado marcou o início do fim da ditadura

No último sábado, 25/10, a Catedral da Sé foi palco do emocionante Ato Inter-religioso em memória dos 50 anos do assassinato do jornalista da TV Cultura, Vladimir Herzog, e dos mortos e torturados pela Ditadura Militar. A Catedral estava lotada não apenas com o público, composto por políticos, defensores de direitos humanos e pessoas comuns, mas também com muita comemoração, trajados de branco e empunhando flores brancas. Na noite de sábado predominou o luto, a solidariedade e a emoção.

O ato foi marcado pelo Coro Luther King, cantando a música Cálice (1978) de Chico Buarque e Gilberto Gil entre outras; pelo depoimento em vídeo de leitura da carta da mãe de Vlado, Zora Herzog, interpretada pela atriz Fernanda Montenegro. E em certo momento, foi pedido para os que estavam presentes no Ato de 1975 se manifestassem. Diversas pessoas se levantaram procedidas por muitas palmas e choros de emoção. Gritos de “Sem Anistia” foram entoados em diversos momentos do ato, que durou quase três horas.

Ivo Herzog, filho de Vladimir, relembrou que na época da Ditadura, as pessoas tinham medo do Estado e a presença do presidente em exercício na Catedral, Geraldo Alckmin, fez com que fosse “um Ato de Estado com o Estado do nosso lado”. Ivo contou detalhadamente como foram os dias em torno da morte de seu pai e como o rabino Henry Sobel não enterrou Vlado como suicida, afrontando a farsa apresentada pelo regime. E finalizou sua fala homenageando as esposas dos desaparecidos políticos, e que a luta de sua mãe não foi apenas para a família

Herzog, mas de todos, por todos e para a humanidade.

O presidente em exercício, Geraldo Alckmin, foi o último a discursar: “Não esquecer para jamais se repetir. (...) A memória de Vlado segue viva e evoca a cada um de nós a promessa de defender os valores sagrados da vida, da liberdade e dos direitos humanos. Em nome do presidente Lula e em meu nome, reafirmo a nossa promessa: o nosso inabalável compromisso e o perseverante empenho na defesa da verdade, da justiça e da democracia. (...) Viva a aliança das religiões, viva a todos que lutaram pela nossa liberdade, viva Herzog, viva a democracia, viva o Brasil!”

Estado reconhece seus erros

“Estou presente neste Ato Ecumênico para na qualidade de presidente da Justiça Militar da União, pedir perdão a todos que tombaram e sofreram lutando pela liberdade”, esse foi o começo da fala potente da presidente do Supremo Tribunal Militar (STM), Elizabeth Rocha. Ela pediu perdão pelos erros e omissões judiciais cometidas durante a Ditadura em detrimento da democracia e favorável ao regime autoritário: pediu perdão a Vlado e sua família; Rubens Paiva; Miriam Leitão e seus filhos; a Paulo Vanucchi; a José Genuíno e José Dirceu – esses presentes no ato – e a tantas outras vidas e famílias ceifadas pela Ditadura. Sua fala representa o reconhecimento da responsabilidade do Estado e é de extrema importância o seu discurso em um país em que a máquina Estatal é capaz de matar e torturar seus cidadãos, como ocorrido na megaoperação no Complexo do Alemão e da Penha contra o crime or-



Os ganhadores do 47º Prêmio Vladimir Herzog

ganizado, no Rio de Janeiro na última terça, 28, que vitimou, até agora, mais de 120 pessoas.

A Premiação

No dia 27, a entrega do 47º Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos foi precedido pela Roda de Conversa dos ganhadores. Apresentado por Angelina Nunes (Abraji) e pelo professor de jornalismo da PUC-SP, Aldo Quiroga, que relatou para o PUCviva: “a Roda é uma aula magna sobre jornalismo, porque os vencedores do prêmio contam quais foram os principais desafios para realizar as reportagens, as estratégias para produzi-las, como as pautas surgiram, como eles se sentiram, quais foram as maiores dificuldades”.

A música Sentinela (1969) de Milton Nascimento e um vídeo dos dias anteriores que precederam a entrega do Prêmio abriram a noite da premiação. Ivo Herzog expôs que foram precisos 50 anos para ouvir o pedido de desculpas do Estado através da ministra do STM. O jornalista Juca Kfouri e Angelina Nunes, mestres de cerimônia, homenagearam Dom Angélico Sândalo Bernardino (1933-2025) (in memoriam) e Dorrit Harazim. A homenage-

ada explanou que “não existe manual que ensine um jovem trabalhar sob censura. Ainda bem” e que o bom jornalismo quebra algo, nunca deixa as coisas como estão.

Duas ex-alunas do curso de jornalismo da PUC-SP foram premiadas: Isabel Harari e equipe ganharam na categoria texto pela matéria “Trabalho infantil na indústria tech”, da Repórter Brasil e Beatriz Ramos, na categoria vídeo por “Território em Fluxo”, pelo Brasil de Fato.

Ana Luisa Zaniboni (Oboré e curadora da premiação) explica que a escolha da PUC-SP sediar a cerimônia deve-se ao fato de ser um espaço aberto à comunidade de São Paulo e de todo o Brasil. “Ela sempre abraçou todas as causas democráticas. E, por ter sido a universidade onde Dom Paulo era o grande chanceler, por todas as pessoas que passaram pela PUC-SP e por toda a história da PUC-SP, é o lugar adequado e que recebe politicamente a nossa proposta.”

E no domingo, 26, foi lançado o Calçadão do Reconhecimento, que carrega os nomes de todos os vencedores de todas as edições do Prêmio Vladimir Herzog.

Roda de conversa relaciona a crise do capitalismo aos conflitos atuais

Na quinta-feira passada, 23/10, aconteceu a Roda de Conversa “O agravamento da Crise Mundial: As guerras e a intervenção dos EUA na América Latina” com os palestrantes Reginaldo Nasser (professor de Relações Internacionais na PUC-SP), Soraya Misleh (Frente em Defesa do Povo Palestino), Rosane Borges (jornalista e professora da PUC-SP), Erson Oliveira (ex-professor da Fafcla), com mediação da professora Beatriz Abramides. A realização foi uma organização do NEAM PPG Serviço Social. O professor de Relações Internacionais da PUC-SP, Bruno Huberman, não compareceu devido a problemas de saúde.

Rosane Borges, em fala emo-



Na mesa do evento, Erson Oliveira, Soraya Misleh, Beatriz Abramides, Rosane Borges e Reginaldo Nasser

cionada, explanou que devemos deixar de ser moldados pelo Imperialismo. “O que acontece na Palestina me toca como mulher negra porque diz muito a respeito sobre os corpos que são autorizados a serem mortos e os que vivem. Guerra definitivamente é para sempre e para sempre continuaremos lutando”.

Reginaldo Nasser explicou que não existe guerra na Palestina,

porque não há simetria entre os dois, “a guerra existe entre duas unidades soberanas.” Para Erson Oliveira, o mundo vive uma etapa de desintegração do capitalismo, pois a luta de classes está sendo retomada. “Os massacres são expressão de uma minoria capitalista que necessita explorar as forças do trabalho até onde for necessário.” Ainda segundo Oliveira, a China veio como uma contra-

posição mundial a ponto de o presidente Trump intervir nas economias da América Latina. Soraya Misleh apontou que a FFLCH USP rompeu, naquele mesmo dia, o convênio com Universidade de Haifa, de Israel. “Uma vitória histórica”, e apontou outras federais brasileiras que fizeram o mesmo. “A causa palestina é a causa das massas oprimidas e exploradas da nossa era.”

Evento discute Serviço Social em Angola

Na terça-feira, 28 de outubro, no auditório 134-C, aconteceu a palestra “Serviço Social na Formação Sócio Histórico de Angola: colonização, lutas, resistências e conjuntura”, com o Prof. Dr. Amor António Monteiro.

O doutor e mestre em Serviço Social tem um papel importante no estudo da profissão em Angola. Em seu livro “Natureza do Serviço Social em Angola”, Amor mostra uma análise crítica da profissão e da sociedade angolana, que, por muitos anos, colocou o serviço social em um contexto complexo.

Na palestra foi mostrado um panorama de como foi desenvolvido o Serviço Social em Angola, diante das suas políticas, população, e lutas. Embora as circunstâncias exigissem atuação dos profissionais, por muitos anos o Serviço Social não foi exercido por profissionais formados. Durante este período, parte desta função foi desempenhada de forma voluntária pela Organização da Mulher Angolana (OMA), já que a única escola de formação em Serviço Social foi extinta em 1975. Foi apenas nos anos 90 que se reconheceu a figura do



A exposição do professor Amor António Monteiro.

“educador social”. Em 2005, o Serviço Social passou por uma nova institucionalização e foi retomado.

Também foi debatido o Serviço Social nas diferentes conjunturas políticas, educação e no ensino superior.

ROSE



Foi um dia muito triste para os trabalhadores da PUC-SP: perdemos na terça-feira, 28/10, a querida amiga Rosilaine Gomes Ferrari, a Rose, assistente do Pós em Ciências Contábeis, Controladoria e Finanças e do Programa de Administração. Na PUC-SP desde novembro de 1994, Rose se destacava pela sua participação ativa na vida da comunidade, não se limitando ao trabalho em seu setor, mas atuando cotidianamente no campus Monte Alegre. Rose foi integrante ativa da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes, Cipa, no campus Monte Alegre e teve também atuação destacada no ambulatório, participando ativamente das campanhas de vacinação na universidade. Na Pós em Contábeis, tinha um papel de destaque. Sua presença e sua alegria estiveram muitas vezes presentes na sede da APROPUC,

quando preparava o cenário para as palestras e eventos dos professores de sua área.

Em 2019, formou-se em Pedagogia e a sua alegria foi marcante, como mostra a foto que publicamos quando comemorava a sua formatura.

As manifestações de pesar pelo seu falecimento marcaram a semana piquiana nas redes sociais, entre elas destacamos um trecho do depoimento de Helena Borges, ouvidora da PUC-SP e ex-presidente da AFAPUC: “Rosilaine Ferrari foi sinônimo de empatia, leveza e comunicação verdadeira. Sempre pronta para ajudar, ouvir e compartilhar um sorriso, deixou em cada um de nós um pedacinho de seu coração generoso”.

A missa de sétimo dia será celebrada na Capela da PUC-SP, no campus Monte Alegre, segunda-feira, 03/11, às 12hs.

APROPUC repudia massacre no Rio de Janeiro

A Associação dos Professores da PUC-SP, APROPUC-SP, repudia veementemente o massacre promovido pelo governador do Estado do Rio de Janeiro, Cláudio Castro (PL-RJ), feito sob a alegação de combate ao crime organizado, que resultou na morte de cerca de 120 pessoas.

A operação revelou, mais uma vez, a face perversa da “política de segurança” dos governos de extrema-direi-

ta: o extermínio da população negra e periférica das cidades brasileiras.

Nesse sentido, a Associação dos Professores da PUC-SP associa-se à revolta da população brasileira, contra a truculência de um governo fascista que faz política com a morte em massa da população.

**Não ao massacre da população negra e periférica!
Pela punição ao governador Cláudio Castro!**



COQUETEL DE LANÇAMENTO!

Servidores públicos fazem manifestação contra Reforma Administrativa

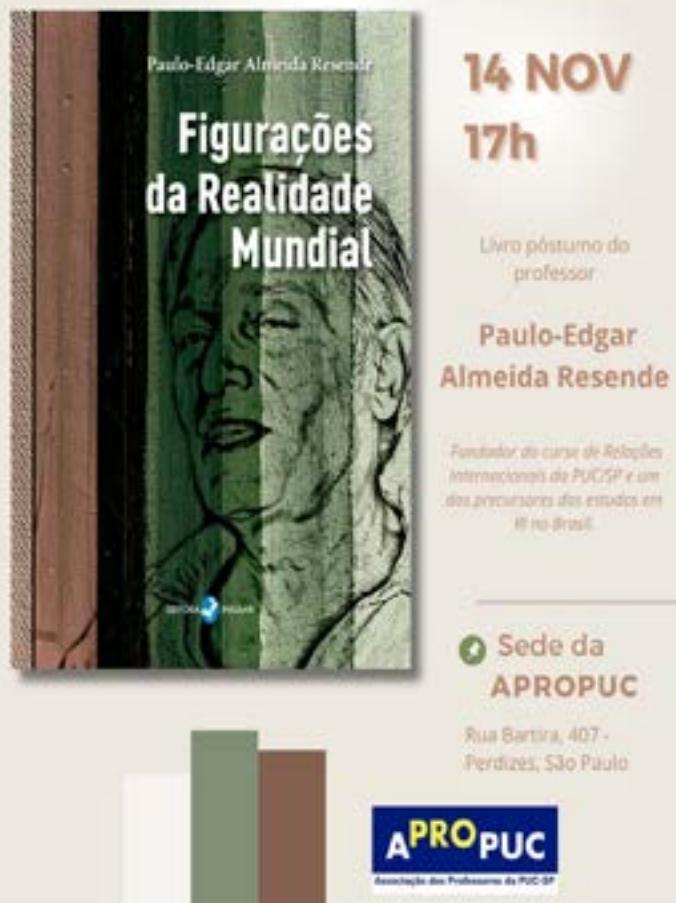
Reunidos em Brasília, servidores públicos de todo país, realizaram um protesto, que interditou o Eixo Monumental, protestando contra a votação da chamada Reforma Administrativa.

O texto da Reforma passará ainda pela Comissão de Constituição e Justiça e depois por uma comissão especial, antes de chegar ao plenário para sua votação.

Os servidores alegam que o texto da Reforma, como está disposto, representa um grande retrocesso e precarização das relações de trabalho e a retirada de direitos históricos dos trabalhadores conquistados com muita luta.

Durante a manifestação, que reuniu segundo seus

organizadores mais de 20 mil servidores, a Conlutas, uma das centrais sindicais que se opõem à Reforma, postou em sua plataforma que “A classe trabalhadora está mostrando sua força contra essa aberração que é a ‘deforma’ administrativa. Estamos aqui em unidade porque o que está em jogo não é apenas uma PEC, mas um projeto de Estado mínimo que retira dinheiro do orçamento público para garantir lucros ao mercado financeiro por meio do arcabouço fiscal. Essa reforma é a continuidade desse ataque. Precisamos derrotar a PEC e cobrar que o governo se posicione. Não há soberania nacional com arcabouço fiscal e com reforma administrativa”.



Semana de Letras apresenta a linguagem como movimento da sociedade

Entre os dias 27 e 29/10 ocorreu a Semana de Letras: Letras em Movimento. A mesa de abertura, cujo tema foi “Letras em arcos de compreensão – olhares lançados sobre a História” reuniu as professoras Sueli Marquesi, Diana Navas, Ana Luiza Marcondes Garcia e o palestrante Marcelo Furlin. Marquesi relacionou o tema da Semana com os movimentos da sociedade brasileira que “nos pedem cada vez mais reflexão” e seguiu, “cada vez mais a área da linguagem dá uma contribuição para pensarmos a sociedade, para que tenha uma articulação melhor para vencer exclusões”. Já a mesa “Afinidades entre profissionais de Letras e Tradutores” contou com Jiro Takahashi, editor vivo mais antigo no Brasil, com mais de 60 anos trabalhando em editoras e criador da Coleção

Vagalume. Jiro explica que o professor e o tradutor compartilham a linguagem como ferramenta, mas o tradutor tem um trabalho solitário e como forma de não se sentir só, o profissional da área “trabalha” com um enunciador, ou melhor, um leitor imaginário. Em sua fala afirmou que a tradução não será substituída pela Inteligência Artificial, porque por haver diferentes tipos de leitores – sensíveis, atentos, emotivos ou críticos – eles precisarão concordar com o que a máquina decidir. “Quanto mais sutil, ambíguo, irônico for o texto, que são ações típicas do seres humanos, a IA terá dificuldade de traduzir. Nos dias seguintes houve uma apresentação artística, palestra de como fazer poesia, com a autora premiada e ex-aluna do curso, Aline Bei, e apresentações de trabalhos acadêmicos de alunos e egressos.



PUC -SP

EMENDAS PARLAMENTARES AO ORÇAMENTO PÚBLICO: IMPACTOS PARA AS POLÍTICAS SOCIAIS

Áquилас Mendes

(Dr. em Economia e Pós-doutor em Ciências Sociais)
(Prof. Dr. na FEA/PUC-SP e prof. associado na FSP/USP)

03 de novembro, 19 às 22 h

AUDITÓRIO 117-A

Organização: NEPPoS - Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Políticas Sociais

PPG - Serviço Social - PUC-SP

Coordenação: Prof. Dr. Ademir Alves da Silva

(São emitidos certificados de participação)



NOSOTRAS

CAM
Centro de Jornalismo Multimídia

LANÇAMENTO DA SEGUNDA EDIÇÃO DA REVISTA NOSOTRAS

EVENTO ABERTO E GRATUITO



18h

Lançamento da Revista NOSOTRAS com professoras, funcionárias, alunas e ex-alunas do curso de Jornalismo;

19h

Exibição do filme MANAS (2024), que conta a história de Marcellie, uma jovem de 13 anos que vive na Ilha do Marajó e desafia um ciclo de violência em busca de liberdade, força e um futuro diferente.



21h

Bate-papo com Marianna Brennan, diretora de MANAS, e Paula Jacob, crítica, professora e pesquisadora de cinema.

FALA COMUNIDADE

Imperador Nero, Governador Castro e o sangue dos crucificados

Fernando Altemeyer

A história sempre se repete como tragédia contra os pobres. Em 18 de julho de 64 D.C. teve início um grande incêndio em Roma. O imperador Cesar Nero culpou os cristãos e matou dezenas de seguidores de Jesus. Cobertos com peles de animais, muitos foram despedaçados por cachorros e pereceram, ou foram crucificados, e muitos condenados à fogueira e queimados para servir de iluminação noturna ao fim do dia. Nero declarou sua ação verdadeiro sucesso e reparação contra aqueles que usou como bodes expiatórios de seu fracasso como governante. Em 28 de outubro de 2025 d.C.

uma operação policial comandada pelo governador do Rio de Janeiro, Cláudio Castro, matou ao menos 132 pessoas humanas negras e jovens das comunidades dos Complexos da Penha e do Alemão. Todas vítimas alvejadas por serem imputadas membros do criminoso Comando Vermelho - CV. O governador Castro tocou sua cítara, declarando a operação um sucesso! Dezenas de vidas ceifadas de forma ilegal que fez mergulhar o Rio e todo o Brasil e até a humanidade em luto permanente. Há uma indignação no ar que ficou insalubre e tétrico. Todos os democratas clamam por justiça e paz. Tal governador precisa ser destituído e preso. Ontem na história romana foi a elite romana aquela que massa-

crou os cristãos. Hoje é a elite carioca, com mãos ensanguentadas, que massacra negros da periferia. Os traficantes, estes seguem vivendo tranquilos em palácios e comandando impunes os crimes, lavando o dinheiro sujo. O povo segue crucificado com tiros na nuca e alguns com facadas nas costas. Tudo para manter a dominação pelo medo e pelo terror policial. Sabemos que quanto maior for o medo mais o fascismo se fortalece e ganha eleições. Quem irá clamar ao Deus da justiça para que seja nossa força ao enfrentar as armas ideológicas da morte? Quem nos salvará destes comensais da morte, que rasgaram a lei e a ordem? Até quando, ó Catilina, suportaremos tamanha ignomínia on-

tem e hoje? Até quando tanta dor de mães e famílias? Não é lícito matar. Não é lícito mentir. Não é lícito aterrorizar. BASTA! Machucado estou, só de mirar compungido as fotos dos cadáveres enfileirados nas ruas das favelas, enchendo-me de iracundia sagrada ao clamar ao Deus Goel, o Vingador dos pobres: "Oh vem senhor, não tardes mais! Vem saciar nossa sede de paz! Ó vem, como chega à brisa do vento.

Trazendo aos pobres justiça e bom tempo!

Ó vem, como a chuva no chão
Trazendo fartura de vida e de pão!

Fernando Altemeyer é professor do depto. de Ciência da Religião

Então sai... da sociedade?

Coletivo Locomoção

No dia 23 de outubro de 2025, ocorreu o debate para as eleições do Centro Acadêmico 22 de Agosto, no auditório 239. Durante o debate, no período noturno, um estudante negro e bolsista da Chapa 2 - Locomoção, relatava sua experiência - enquanto bolsista pelo programa FIES - na Universidade relacionada à alimentação, de modo que expôs a necessidade da implementação da dupla alimentação aos bolsistas, visto que, ele próprio está se utilizando de auxílio emergencial para se alimentar no restaurante universitário. Nesse sentido, enfatizou que naquele dia só teria conseguido almoçar e estaria até o momento sem se alimentar. Diante disso, um estudante branco, que assistia ao debate, gritou "então sai" e alguns alunos que estavam ao redor ouviram e fizeram com que o debate fosse paralisado e que a Comissão Eleitoral, composta por cinco alunos do curso de Direito tomassem uma posição

a respeito do ocorrido. No entanto, o Presidente da Comissão Eleitoral relatou não ter competência para apurar tal fato e propôs que as chapas entrassem em um consenso. Por consequência, os alunos que estavam na plateia pediram que o aluno se retirasse, enquadrando a fala em racista e elitista. Assim, as chapas concordaram e o aluno saiu do debate. Nesse sentido, esta fala, carregada de preconceito e exclusão, é proferida, exatamente, no sentido de romper qualquer relação de pertencimento que o aluno negro e bolsista possa vir a construir na PUC-SP. A falta de efetivas políticas de permanência ao estudante marginalizado, atrelado ao ambiente racista e aporofóbico em que se encontra, faz com que seu período de graduação seja um peso, tornando muito mais difícil a vivência universitária quando comparada aos demais. Assim, este aluno está muito mais propenso a não terminar a graduação.

É válido ressaltar que a fala racista e aporofóbica deste aluno representa uma falha institu-

cional dentro da Universidade. Diante disso, percebemos que a omissão da PUC-SP em concretizar medidas efetivas antirracistas, somente reproduz o racismo estrutural. Logo, resultando neste tipo de situação, em que o aluno se sente confortável em dizer ao outro "então sai" em meio a dezenas de pessoas. Então sai... já que você não consegue pagar uma refeição no restaurante; então sai... já que você não consegue pagar 5.000 de mensalidade; então sai... já que neste espaço não predomina a sua cor de pele... então sai já que este espaço não é para você.

Talvez valha a pena uma pesquisa empírica para comprovar o que todos os alunos já sabem: existe algum bolsista que sinta a PUC como sua casa? Não demora um semestre inteiro para que surja um novo episódio polêmico onde é evidenciado o sentimento de "nós contra eles". Talvez essa seja a verdadeira recepção pucquiana, não o tradicional pedágio da Sumaré, mas um caso de violência explícita que toma de assalto as

conversas de corredor e grupos de WhatsApp. Assim, o ciclo se repete: notas de repúdio de alguns membros do Movimento Estudantil e, se o caso for muito midiático, da Reitoria. No fim, a pretensa normalidade volta, mesmo com a tensão classista e racial pairando o tempo todo, como uma bomba à espera da menor faísca.

Não existe aqui um dedo apontado à nossa comunidade interna, mas uma tentativa de curar essa ferida aberta que sangra com rencor. A superação vem ao entendermos e assumirmos os erros. Precisamos admitir que sim, a PUC é um ambiente racista e elitista; precisamos entender também nossa função em mudar esse ambiente e, o mais importante, reconhecer que erramos, de forma individual e coletiva. Assim sendo, é fundamental entender que as punições e as reações não sejam vistas como vingança ou revanchismo, mas sim um combate para que (parafraseando o rapper Sant): "ninguém precise pedir licença para entrar na própria casa".